

Minhas palavras são no sentido de expressar a simpatia, o bem querer, o prazer que tive em trabalhar diretamente ligado a cada um de vocês; alguns, há muitos anos, antes mesmo da criação da EBC; outros; mais recentemente.

Operadores de áudio, técnicos, repórteres, redatores, locutores, produtores, apresentadores, equipe do esporte, auxiliares administrativos, equipe da discoteca, do acervo, pesquisa, programação musical, assistentes do gabinete de gestão, o pessoal responsável pela limpeza, enfim, todos os que cotidianamente compartilham com empenho e competência o desafio de enfrentar dificuldades e manter acesa a chama de fazer rádio, manter acesa a chama do rádio.

Nos 37 anos de profissão, muitos deles dedicados às rádios da empresa, atuei em outras emissoras, públicas e privadas, e já fiz quase de tudo na profissão, em AM, FM e ondas curtas. Fui produtor/apresentador, programador musical, locutor/operador, repórter, diretor, superintendente, gerente.

Nas emissoras da empresa, atuei na Programação para Amazônia; Nacional FM de Brasília, Nacional do Rio de Janeiro, onde fui chefe do Escritório Regional (era assim que na extinta Radiobrás se designava o responsável local pela direção da Rádio Nacional) e, nos últimos cinco anos, fui o gerente regional das rádios da EBC, no Rio.

E nesse período, diante das circunstâncias específicas da empresa aqui no Rio de Janeiro, entendi que a gestão desta gerência regional deveria focar questões estruturais, providências que devolvessem às emissoras a sua relevância e criassem condições de modo a lhes garantir a continuidade, a perenidade ao longo das próximas décadas.

Em função disso, sempre com o apoio do Guilhon, dediquei-me a questões como o tombamento do edifício A Noite, recentemente concretizado pelo Iphan, resultado do empenho de historiadores, pesquisadores, arquitetos, radialistas, jornalistas, enfim, dezenas

de pessoas que, através de suas atividades, souberam sempre enfatizar o significado histórico, cultural e artístico do edifício A Noite e da Rádio Nacional. Foi também de fundamental importância a atuação da direção da EBC, com destaque para o diretor Eduardo Castro.

Também o processo de reforma do prédio da Rádio MEC, processo a que me dediquei de maneira intensa, fosse na elaboração de detalhados relatórios sobre seu estado, como no perseverante encaminhamento interno dessa demanda, procurando monitorar o andamento dos projetos, participando de grupos de trabalho com foco no encaminhamento das obras de reforma.

Desde 2008 dediquei-me intensamente à elaboração de projetos básicos e ao persistente acompanhamento de suas tramitações, de modo a possibilitar a concretização de novos conteúdos para as três emissoras do Rio. Conteúdos esses sempre disponíveis às emissoras de Brasília e Amazônia. Valeu a pena aprender a caminhar no, muitas vezes, tortuoso labirinto do processo burocrático, e dedicar-me a tarefas que exigem empenho, concentração, num trabalho silencioso, discreto, mas que resultou em significativas conquistas e a imensa satisfação de ligar o rádio e ouvir cada um desses conteúdos no ar!

Aí estão programas como o *Puxa o fole*, na Rádio Nacional, com José Sergival, que representa a continuidade da presença de Luiz Gonzaga e da pujança da cultura nordestina na Rádio Nacional; aí está o programa *No tabuleiro do Brasil*, com Geraldo do Norte, que reúne a legítima música regional de todo o país; aí está o programa *Ouvindo música* com Marcelo Guima, na Rádio MEC AM, que reúne a capacidade de ser didático e, ao mesmo tempo, entreter; aí está o programa *Blim blem blom*, com Tim Rescala, voltado para música clássica para crianças, na MEC FM; aí está, na Rádio Nacional, o programa *Dorina ponto samba*, com a cantora Dorina, essa legítima expressão do samba carioca, da alma suburbana, do Rio visceral; aí está, também na Nacional, o programa *Adelzon Alves, o amigo da madrugada*, referência no

samba e na música popular brasileira como um todo; estava também, entre esses conteúdos, o programa *Vozes brasileiras*, da MEC AM, que era produzido e apresentado pelo saudoso Magro Waghbi, do MPB4, e que reunia o que havia de melhor na longa tradição do canto vocal na nossa música popular; aí estão os novos programas da *Faixa infantil*, com Jujuba e Ana Nogueira à frente e que com o *Rádio maluca*, de Zé Zuca, que consolidam o Núcleo de Programação Infantojuvenil das rádios EBC; aí está o Núcleo de Radiodramaturgia que, após longa e sofrida tramitação burocrática, finalmente voltará a funcionar, com novo convênio, cuja vigência se iniciará no próximo dia dois de setembro; aí está o Núcleo de Esportes que, apesar das baixas sofridas com a perda dos repórteres contratados pela Acerp, ganha novas perspectivas com a iminente aprovação do Projeto Básico, projeto que garante a continuidade de profissionais imprescindíveis às nossas atividades; aí está o programa *Kinoscope*, com Fabiano Canosa, transmitido pela Rádio MEC AM e FM e que recuperou a tradição de programas voltados para música de cinema da Rádio MEC, tradição iniciada pela então jovem apresentadora da emissora Fernanda Montenegro e seu marido Fernando Torres; aí está o programa *Época de ouro*, que tenho a honra e o imenso prazer em apresentar, com o lendário conjunto Época de Ouro, que contribui para manter vivo o choro e que, além disso, recebe entre seus convidados, artistas do choro e do samba, como Paulinho da Viola, Dona Ivone Lara, Beth Carvalho, Monarco, Nelson Sargento, Yamandu Costa, Hamilton de Holanda, Paulo Moura, Mauro Senise, Gilson Peranzetta, Zé da Velha e Silvério Pontes, para citar apenas alguns; além de pianistas como Maria Teresa Madeira, Leandro Braga, Cristovam Bastos (hoje é Maíra Freitas); aí está o programa *Violões em foco*, da MEC FM, com Luís Carlos Barbieri, uma das pérolas da programação da emissora; aí está o programa *Zoasom*, produzido pelo Criar Brasil para a MEC AM, com foco no público jovem; aí está o programa *Garimpo*, da Rádio Nacional, com o compositor, instrumentista e cantor Cláudio Jorge, voltado para a revelação de novos talentos de todo o país; aí está o programa *Som de letra*, com Lívio Tragtenberg, da Rádio MEC FM, que realça a interface da

palavra, da literatura, com a música; aí está o programa *Maestros da MPB*, com o maestro Jaime Allen, com foco nos arranjos e na obra dos maestros de nossa música popular; aí está o programa *Funk nacional*, da Rádio Nacional, cuja representatividade e dimensão como fenômeno cultural não permitem a uma emissora pública manter-se alheia ou restringir sua programação musical ao repertório aceito “nos salões”, como acontecia no início do século passado quando era forte o preconceito em relação ao choro e depois também ao samba.

E, além desses, programas que não dependeram de projetos básicos, porque são conduzidos por profissionais contratados da EBC, ou da Acerp, mas que foram relatados e apresentados ao Comitê de Programação e Rede, que os aprovou.

Dentre esses, os programas diários *Redação nacional*, revista jornalística com Neise Marçal; *Tema livre*, programa de debates, com Luiz Augusto Gollo e ainda o programete *Porto Maravilha*, também com Luiz Gollo, com abrangente foco nos impactos decorrentes da revitalização da Zona Portuária.

Hoje esses programas se somam àqueles que proporcionam às nossas emissoras produtos com densidade de conteúdo, pluralidade de informação e de formatos.

Trabalhei intensamente nas últimas semanas na revisão e reestruturação de projetos que justificam a contratação de profissionais imprescindíveis às nossas atividades, dentro do que se chama de processo de reabsorção de especialistas por inexigibilidade.

E assim como foi em relação a cada um dos projetos básicos que conseguimos emplacar ao longo desses anos, seguirei meu caminho torcendo, com o coração e a razão, pela contratação de cada um desses profissionais.

Outra questão que sempre entendi como fundamental é a memória das emissoras e, na medida do possível, procurei me empenhar no sentido de contribuir para a viabilização de projetos que permitam a recuperação, preservação e garantam o acesso

público aos conteúdos de nossos acervos. Contando com a colaboração da gerente executiva de Acervo e Conhecimento, Lacy Barca, conseguimos concretizar o Termo de Cooperação Técnica com a Fundação Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, em evento público, que reuniu o presidente da EBC, Nelson Breve, e a presidente do MIS, Rosa Maria de Araújo. Esse Termo de Cooperação permitiu, tanto à EBC quanto ao MIS, a unificação do conteúdo digitalizado dos acetatos da Rádio Nacional, o que representa a reunião de riquíssimo acervo, que cobre o abrangente período que vai do fim da década de 1930 até meados dos anos 1970.

Pois agora, em 2013, e tempo afora, sigo minha trajetória radiofônica, assumindo novas tarefas e mergulhando em mais uma das muitas áreas do Rádio, dentre às quais já me dediquei.

Verei o rádio de um novo ângulo, dedicando-me, entre outras atividades, ao processo de criação do Museu da Rádio Nacional. Isso pressupõe buscar recortes de seus conteúdos que possam abastecer esse museu, tanto no que diz respeito a lastro permanente, quanto à criação de produtos que possam atender à intensa demanda de turismo cultural que, sem dúvida terá o edifício A Noite tombado, na revitalizada Praça Mauá.

Vou nessa, e vou com o coração leve e o entusiasmo pelas novas tarefas, novas descobertas. Estaremos próximos, sempre fazendo rádio.

Cristiano Ottoni de Menezes

A handwritten signature in black ink, appearing to be 'Cristiano' followed by a stylized surname.